

# Considerações improváveis sobre o discurso biográfico

Prof. M.e Geraldo Magela Carozzi de Miranda

---

**Resumo:** O presente artigo pretende abordar o discurso biográfico na perspectiva da enunciação, construindo, assim, uma compreensão do discurso biográfico como sendo um exercício da construção de um sujeito discursivo em vez de centrar-se no registro da confissão de um sujeito. Para tanto, examina-se à luz de Benveniste, Barthes e Aristóteles, o papel do sujeito escritor como criador de um sujeito universal em vez de retratador de um sujeito empírico através do uso da linguagem.

**Palavras-chave:** discurso, discurso biográfico, confissão, sujeito

---

Eu sempre gostei de biografias. O primeiro livro que eu li foi “A vida de Cândido Portinari”, cujo autor eu não me lembro. Ganhei esse livro de meu pai, quando terminei o quarto ano do grupo escolar. Lembro-me que meu pai me disse: “Leia este livro. Você vai conhecer a enorme sensibilidade do pintor Portinari para com o sofrimento do gênero humano, fruto quase sempre da injustiça”. É interessante notar que meu pai sempre foi um católico fervoroso e, eu diria, de uma linha bastante tradicionalista. Entretanto, ele jamais mencionou as ligações de Portinari com o comunismo. Esse pormenor da vida do grande pintor, ao que parece, não tinha a menor importância. Certa vez, eu disse ao meu pai que Portinari tinha simpatias para com a doutrina comunista. Ele ignorou a minha fala e continuou a exaltar Portinari. Parece, até, que Portinari valia, para meu pai, pela sua identificação com os desvalidos, injustiçados, com os pobres deste mundo. Esse sentimento era tudo que Portinari significava para ele.

Posteriormente, eu li muitas outras biografias, inclusive as falsas, como a Odisséia, de Homero, Dom Quixote, de Cervantes e outras. A existência de biografias falsas parece apontar para o fato de que o que importa mesmo na narração de uma vida não são os pormenores de uma certa vida mortal, mas aquilo que nesta vida mortal narrada tem sentido para todos os outros homens, incluindo, é claro, ele próprio. Parece que todo escritor tem duas vidas. Uma é a sua vida mortal, comum, vivida como a vida de todos os homens, com todas as vicissitudes da vida em geral. Mas há uma outra vida, a vida de autor, que se expressa em sua obra, pois toda obra exige um autor, ou pede um autor. Esta vida de autor não pertence propriamente à vida mortal do escritor, mas é uma vida para todos, uma vida neutra, que não tem um lugar de origem e nem um pertencimento particular. Ela não é de ninguém, inclusive, como já disse, não pertence ao próprio escritor. Essa vida de ninguém é a vida que interessa numa biografia, o que torna o nome desse gênero literário paradoxal, pois biografia, então, seria “uma vida de ninguém”. Seria a vida do autor, que não tem nenhuma ligação necessária com a vida do escritor. Disso resulta a grandeza de obras como a Odisséia e Dom Quixote. Essas personagens são de fulgor extremo e tocam fundo no coração dos homens. No entanto, quem toca o coração dos homens não é Homero e nem Cervantes, estes completamente ausentes em suas obras. Quem toca de verdade o coração dos homens são Ulisses e Dom Quixote, os verdadeiros biografados na narração, pouco importa, no caso, os pormenores de suas vidas e, igualmente, não tem importância se os “fatos” narrados ocorreram ou não.

Assim, os verdadeiros biógrafos seriam os escritores que se propõem a escrever vidas. Isso aponta, ao que parece, para uma questão interessante. A vida do biografado não demanda episódios verdadeiros, isto é, não demanda fatos acontecidos. Isso não interessa à biografia. O que interessa está na criação do personagem, naquilo de relevante e elevado que essa vida contém. A ficção aqui é mais verdadeira que a realidade. Verdadeiro é o que é relevante? Elevado? Talvez. O que, no entanto, parece razoável afirmar é que a biografia se remete não ao enunciado – ao dito, mas à enunciação – ao dizer.

A partir das reflexões de Benveniste, em seu texto “O Aparelho Formal da Enunciação” (1989), pode-se afirmar que a teoria da enunciação caracteriza-se por considerar o sujeito como centro de reflexão da linguagem, distinguindo enunciado (o já realizado) de enunciação (ato de produzir o enunciado). O que interessa, portanto, é o processo, isto é, as marcas do sujeito naquilo que ele diz. A consideração de formas da língua que se definem a partir do seu uso pelo sujeito, levaram ao estudo da subjetividade na linguagem, onde o locutor se apropria dessas formas, instituindo-se como eu e definindo seu interlocutor como tu. Em direção distinta, aparece a enunciação como fenômeno

social, em vez de individual, na relação entre sujeito e sociedade. Aqui, a palavra é dialógica e é determinada tanto por quem a emite quanto para quem é emitida.

O discurso biográfico se justifica na ficção do personagem porque a enunciação requer a conjunção entre o que foi dito com aquilo que foi ouvido, isto é, a enunciação depende da interpretação do leitor ou ouvinte. Mais que isso! Benveniste afirma que

o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz, em primeiro lugar, o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, 1989, p. 83-84).

O indivíduo se expressa como um sujeito na enunciação, ao usar a língua de uma certa forma singular e na própria enunciação aparece a necessidade de um alocutário. Conforme Benveniste, “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário”. (BENVENISTE, 1989, p. 84). E acrescenta

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai manifestar-se por um jogo de forma, específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com a sua enunciação (BENVENISTE, 1989 p. 84).

No caso de Cândido Portinari, a vida que realmente conta não é a vida comum do pintor, mas a exuberância de seus sentimentos em relação à injustiça e aos desvalidos do mundo, os pobres e aqueles aos quais tudo falta. Essa identificação torna Portinari uma personagem universal. Ela encarna esse sentimento alto e que eleva o ser humano. Essa é a vida de Portinari que interessa. Ignoro quem escreveu “A Vida de Cândido Portinari” que li quando ainda criança. Mas mesmo que o próprio Portinari houvesse escrito o livro, mesmo assim, interessaria apenas essa vida do sentimento e não a vida comum e mortal do pintor/escritor.

Essa questão aponta, por seu turno, para as célebres palavras de ARISTÓTELES (1975), ao comparar o ofício do historiador e o do poeta:

O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro

escrever em prosa e o segundo em verso. (...) Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido. (...) Por tal motivo a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a história, porque a poesia permanece no universal e a história estuda apenas o particular (ARISTÓTELES (1975 p. 39).

Para Aristóteles, parece razoável deduzir de sua obra, que os detalhes particulares da vida de uma pessoa não têm caráter universal, elevado, o que justificaria a sua inclusão no rol das obras literárias e filosóficas de importância para os homens. Uma biografia seria, para Aristóteles, apenas história. A biografia seria supérflua ou até dispensável se focasse apenas a vida comum do escritor ou a vida comum de uma pessoa. O que torna esse tipo de gênero mais interessante é aquilo que dela se pode extrair como universal, isto é, a vida de ninguém ou a vida de todos, jamais a vida particular de um só.

O discurso biográfico padece, pois, dessa fraqueza. Sendo o discurso sobre uma vida particular, não são as particularidades dessa vida que o justificam, mas, ao contrário, são os elementos universais que o tornam aceitável.

Blanchot diz, a propósito de Kafka, que este entrou na literatura no momento em que pode substituir o “eu” pelo “ele” (BLANCHOT, 1987). A universalidade da literatura está associada ao desaparecimento da primeira pessoa. Quanto mais se afasta do eu, mais presente se torna a literatura. Só quando é capaz de dizer ele é infeliz no lugar do eu sou infeliz é que a literatura alcança o fora. Saindo da intimidade do eu, o discurso alcança a abrangência do ele. A frase ele é infeliz não pertence apenas àquele que a escreveu, mas também a outros homens, como nos esclarece Blanchot:

Somente a partir do momento em que chego a essa substituição estranha: Ele é infeliz, é que a linguagem começa a se constituir em linguagem infeliz para mim, a esboçar e a projetar lentamente o mundo de infelicidade tal como se realiza nela. Então, talvez eu me sinta em causa, e minha dor será sentida nesse mundo de onde ela está ausente, onde ela está perdida, e eu com ela, onde ela não pode se consolar, nem se acalmar ou deleitar, onde, estranha a si mesma, ela não permanece nem desaparece e dura sem possibilidade de durar (BLANCHOT, 1997, p. 28).

Blanchot prossegue dizendo que não basta escrever “Eu sou infeliz”. Enquanto não se escrever nada além disso, estar-se-á perto demais de si, perto demais de sua infelicidade para que esta infelicidade se torne realmente a de todos no modo da linguagem: ainda não se está realmente infeliz. Somente a partir do momento em que se chega a essa substituição

estranha, “Ele é infeliz”, é que a linguagem começa a se constituir em linguagem infeliz para todos, a esboçar e a projetar lentamente o modo de infelicidade tal como se realiza nela.

Pode-se afirmar, com Francisco Bosco (2010), que decorre daí a fraqueza constitutiva do discurso biográfico. Para o gênero biográfico, em sua quase totalidade, escrever a vida consiste em escrever a vida de alguém, e não a vida de ninguém. Ora, a vida de alguém nunca interessa; é a vida de ninguém que interessa. O biógrafo é aquele sujeito que, preocupado em relatar, minuciosamente, a vida de alguém, deixa escapar a vida de ninguém. Quase sempre, o discurso biográfico é um modo de perder a vida. Em outro ponto, Bosco (2010) afirma que Barthes, ao ser convidado a escrever um livro autobiográfico, *Roland Barthes por Roland Barthes*, aceitou com a condição de escrevê-lo sob a perspectiva de uma cláusula ficcional: “Tudo isso deve ser considerado como dito por um personagem de romance” (BARTHES, apud BOSCO, 2010). Com isso, Barthes esquivou-se da ilusão de proferir o que seria uma espécie de última palavra, de verdade final sobre si mesmo. Sua autobiografia nada mais é que um novo elo na cadeia de seus escritos.

O conceito de biografema aproximam-se do argumento que estou tentando expor neste artigo. Barthes afirma na obra “Sade, Fourier, Loyola”:

“Se eu fosse escritor, já morto, como gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desenvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: ‘biografemas’, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino (...) (BARTHES, 1990, p.12).

Os biografemas seriam, então, aquilo que definiria uma pessoa não em suas particularidades banais da vida mortal, mas em sua totalidade, em sua universalidade, a qual se dilui em vida de ninguém.

O discurso biográfico parece perseguir uma meta transcendental, que seria a de solucionar o enigma de uma vida, isto é, o quê, em uma certa vida, faz com que ela seja admirável. Ora, se nos guiarmos pelos parâmetros de Aristóteles, por exemplo, seríamos obrigados a admitir que não pode haver nada de particular na vida de uma pessoa ou em uma certa vida que a torne admirável. O que a torna admirável não é algo particular, mas exatamente o contrário: é aquilo de universal que nela está encerrado.

O que talvez seja possível investigar é se uma biografia pode ser considerada um testemunho ou, em outros termos, se o discurso biográfico pode ser enquadrado no discurso do testemunho. Nesse caso, seria necessário considerar que os “escritos de si”

procuram dizer, não são ditos de um eu simplesmente, da experiência de viver, procuram dizer o que de profundo, de elevado, de alto, há na experiência de viver. Assim como um sobrevivente de um campo de concentração resolve dizer de sua experiência – narrar as experiências do horror do campo de concentração – um escritor ou mesmo uma pessoa ou um “eu” pode vir a tentar narrar a sua experiência de viver, sua experiência de ser um homem, por exemplo. Esse tipo de narração pode chegar a muitas vertentes de significação: pode dizer do sublime e do abjeto. É nesse sentido que a biografia seria admirável, apesar de sua fraqueza evidente. Pode-se dizer aqui que considerando que a enunciação é a forma segundo a qual o indivíduo se revela na língua, ao apropriar-se dela de uma maneira singular, esta mesma enunciação testemunha a experiência humana do uso da língua, testemunha a experiência de se passar da gagueira da situação anterior à linguagem ao seu uso pleno. E não apenas isso – a passagem citada, mas a experiência de interpretar a vida, de usar uma língua possível, isto é, tornar realidade aquilo que era apenas uma possibilidade. Como a única maneira que está disponível aos homens de se conectarem às coisas e aos outros é através da linguagem, da língua, é na enunciação, no processo de se apropriar da língua, que o homem se torna homem. Mas isso é uma abstração: o homem se torna homem. É preciso que os homens se tornem homens, cada qual com sua maneira peculiar de dizer sim ou não. Escrever sobre si, então, talvez seja uma forma de testemunhar a experiência de se conectar ao mundo, aos outros...

Isso sem dizer nada em relação aos problemas envolvidos no uso da palavra ou no discurso literário. O eu talvez seja uma ilusão do nosso tempo. Desde Freud que não é mais possível ignorar a inconsistência do eu e sua instabilidade. Disso resulta a dificuldade das considerações a respeito, por exemplo, da confissão, como uma variante do gênero biográfico. Há confissões famosas, como as de Santo Agostinho e de Rousseau. Entretanto, a palavra confissão nos remete a um apelo de verdade, ao contrário da ficção. Se alguém confessa algo, deve confessar a verdade. Confessar uma mentira é algo abjeto, absurdo até. Parece algo que não tem sentido, tamanho é o apelo de verdade da confissão. Agostinho, ao escrever sobre si mesmo, isto é, ao contar a sua vida, o faz na forma de confissão, isto é, o faz de uma forma que não pare nenhuma dúvida sobre a verdade daquilo que ele revela. Não pode haver ali nada além da verdade. Não se trata de um testemunho de alguma coisa ou de uma vida. Não. Trata-se da verdade desta vida. Rousseau também envereda pelo mesmo caminho ao argumentar que ali ele apresenta a verdade, nada mais nada menos que a verdade, dele mesmo. Uma questão que a confissão suscita no nosso tempo presente é que, como já disse acima, depois de Freud, ninguém tem o direito de ignorar as fraquezas do eu. Aquele eu como centro da consciência de si, senhor de si

mesmo, centro de toda transparência ruiu espetacularmente. O eu é uma confluência provisória que se arregimenta aqui e ali e que escorrega diante das mais banais dificuldades. De sorte que a confissão fica muito prejudicada nesse novo contexto creditado ao eu. Qual é o estatuto da verdade enunciada pelo eu. O que o eu sabe de si? O eu sabe de si tudo que há para ser sabido de si?

Ora, se a confissão for considerada como a revelação da verdade do sujeito, então ela pode ser referida como a revelação do rosto da Górgona, isto é, a revelação da experiência mesma da vida, da vida na linguagem. No entanto, o rosto revelado pela confissão não petrifica... No caso do testemunho, a meta é dizer da experiência de ver o rosto da Górgona. Nesse caso – do testemunho – parece que não há sobreviventes dentre aqueles que chegaram lá. O rosto da Górgona parece ser indizível...

## Referências

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Coleção Obra Prima de Cada Autor. São Paulo: Martin Claret, 1975.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

\_\_\_\_\_. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BOSCO, Francisco. Sobre o discurso biográfico. In: Revista **CULT**. Edição 146, Maio de 2010. Páginas de 23 a 25. São Paulo: Bragantini, 2010.



---

## Considerations unlikely on the biographical discourse

**Abstract:** This article will briefly address the biographical perspective on the utterance, building, thus, a biographical understanding of speech as an exercise of building a subject of discourse rather than focus on the record of the confession of a subject. Thus, we are the light of Benveniste, Barthes and Aristotle, the role of the individual writer as creator of a universal subject instead of portrait of an empirical subject through the use of language.

**Keywords:** speech, speech biographical confession subject.

---

\* Prof. M.e Geraldo Magela Carozzi de Miranda  
<http://lattes.cnpq.br/4776185372578563>  
Endereço eletrônico: [gmcarozi@gmail.com](mailto:gmcarozi@gmail.com)